

Alquimia de oliveira



Xosé Bieito Arias Freixedo

Alquimia de oliveira

fogo raiz amarelo vermelho enxofre sangue

água raiz ribeira espelho de todas as cores trovão cinzento

ar raiz vento norte movimento mistura sopro movimento

permanência horizonte horizonte horizonte

terra raiz terra negra das urzeiras a terra toda

vida

Pintura mineral

alquimia de oliveira velha

raízes

que agarram o arco-íris no mais fundo

para colorir os frutos

tal como a velha oliveira

conhece os arcanos da alquimia

das brasas de urze no lar destila a cor do fogo

da carne das abóboras

forja a cor cinzenta nos isótopos da ardósia do granito

nas nuvens de trovoadas

concebe o preto no carvão de urze na escuridão da noite

no luto das mulheres

no leite de uma mãe o branco numa ossada de cabra esquecida no monte

ocres de pele queimada ao sol

azuis impossíveis de olhos impossíveis

céu

alma

alimento

Rubrica explicativa

Quando me defrontei pela primeira vez com a pintura de Graça Morais, senti; e senti também que eu era parte daquele universo, que me falava a mim. Foi um choque, produzido pelo domínio técnico, mas sobretudo por me reconhecer, por me ver nesse espelho.

É óbvio que por trás de cada obra de Graça Morais há uma *inventio* e uma *dispositio*. Os temas escolhidos, a forma em que são combinados, a forma em que os múltiplos elementos são distribuídos no espaço, a própria escolha dos materiais, das cores, das técnicas, revelam um plano prévio, por acaso modulado no processo criativo, em que necessariamente intervém o raciocínio. Um quadro de Graça Morais obriga-nos, por isso, a pensar; muito. Mas, embora a razão tenha um peso importante na sua conceição, a pintura de Graça Morais não é exemplo de arte racional.

Há artistas que, dizem, realizam a sua obra com as tripas; e há críticos para quem a arte tem de entrar pelas tripas. Mas também não é isso o que acontece com a obra de Graça Morais. Embora nos mova no íntimo, não é uma arte visceral.

Do meu ponto de vista, a de Graça Morais é uma arte que nos penetra culturalmente. Talvez a cultura é o território intermédio entre o racional e o visceral.

Xamã, Graça Morais sabe; conhece as matérias, interpreta a natureza, lê as pessoas, e conta-nos. Griotte, utiliza nas suas histórias visuais uma linguagem simbólica própria, complexa, em que a semiótica ancestral da oliveira, da cabra, da couve, da perdiz... se ressemantiza e se faz presente.

Linguagem ancestral, contemporânea: atemporal; linguagem tribal, universal: humana.

Traços, técnicas, cores, misturas, experimentação... as composições de Graça Morais enterram as raízes e dialogam com os fitos da história da arte, das pinturas parietárias da gruta de Chauvet, a Picasso, Chagall ou Basquiat.

Pintura mulher, pintura mãe; difícil explicar esta percepção, herética talvez, de um espírito feminino, um caleidoscópio invisível que determina o universo pictórico de Graça Morais.

Para mim, o mesmo espírito com que uma velha oliveira cria e nos oferece os seus frutos.

Xosé Bieito Arias Freixedo é profesor de lingua portuguesa e de literatura galega na Universidade de Vigo. Como investigador, é medievalista especializado na lírica galego-portuguesa. Junto con a escritora Isabela Figueiredo, foi convidado pelo comissariado da exposição “Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar *O Ano de 1993*” (Sede Afundación Vigo, 18-29 de outubro de 2022) para realizar um texto de criação sobre a artista e a sua obra.

Edição: I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo, 2022.

Imagem: Documentário "Graça Morais – Na Cabeça de uma Mulher está a História de uma Aldeia", realização e produção de Joana Morais (2000).

Texto: © Xosé Bieito Arias Freixedo.



Universidade de Vigo

Facultade de
Filoloxía e
Tradución

Cátedra
Internacional
José Saramago

POEPOLIT II

BiFeGa

PDIEL

Vicerreitoría de
Investigación
e Transferencia

